POR LUÍS COSTA

RETRATOS DA CASA

Pintora Ana Elisa Egreja expõe retratos do interior doméstico e perturba a realidade figurativa com elementos do fantástico

O título da mostra que a paulistana Ana Elisa Egreja assina na Galeria Leme soa como um paradoxo. *Fazer Realidade*, em cartaz até 6 de novembro, é ao mesmo tempo retratar o visível e transformá-lo pela imaginação. Com uma série de pinturas que ora tocam o real, ora a fantasia, a exposição faz o que o crítico Moacir dos Anjos chamou de curto-circuito na realidade.

Retratista da casa, de sua arquitetura interior e de seus objetos, Ana Elisa começou a pintar na década de 2000. Suas cenas, entre o cotidiano e o fantástico, são montadas a partir de uma variedade de referências – algumas vêm das 20 mil fotos salvas no celular, outras de pinturas, livros de museus etc.

À procura de texturas e detalhes que só a observação imediata permite, nos últimos cinco anos a artista passou a experimentar a encenação. "Meu ateliê, que era só de pintura, foi se transformando em um set de vídeos, de fotos, de instalações", diz ela. À época, o ateliê funcionava na antiga casa abandonada de seus avós, onde montou quadros que compuseram a série *Jacarezinho 92*, em 2017.

PODER É

CURSOS

A Casa Mário de Andrade, vinculada à Secretaria de Cultura de São Paulo, oferece periodicamente cursos sobre cultura e modernismo por meio da plataforma Zoom. Em novembro estão programados cursos sobre alfaiataria e modos de vestir no início do século 20 e sobre a obra do compositor Carlos Gomes, autor da ópera *O Guarani*. Mais informações em **casamariodeandrade.org.br**

Cultura.indd 78 19/10/2021 21:34

Na mostra agora na Leme, Ana Elisa conjuga encenação e colagem, real e fantástico. No quadro *Cinderela*, que apresenta a vista de uma praia por uma vidraria, ela insere, por exemplo, relevos de tinta como besouros, reproduzindo uma infestação. "O mundo real é maçante. Inverto a realidade porque aí sim me interessa pintar."

Em uma das telas em grande formato, ela reproduz a cozinha do pintor e muralista Fulvio Pennacchi (1905-1992), que visitou em 2019. O artista desenhou um a um os azulejos do lugar. "É uma casa autoral ao extremo", diz a pintora. "Comecei a criar como se tivesse um desmoronamento do que ele pintou sobre o fogão", explica.

O conceito de colagem permitiu que ela pusesse, no mesmo quadro, uma referência a Clara Peeters, uma das únicas mulheres integrantes da Golden Age, movimento de pintura figurativa holandesa do século 17, mais importante referência do trabalho de Ana Elisa.

Apesar de não retratar pessoas, a presença humana nas casas está impressa em seus objetos e cenários. A reprodução da sala do avô, por exemplo, é como um retrato sem o corpo. "A casa é a metonímia da pessoa. Ela fala tudo", conclui.

FOTOS FILIPE BERNDT; GUILHOTINA.CO; DIVULGAÇÃO; LEANDRO LIMA; B_ARCO/DIVULGAÇÃO; CASA MÁRIO DE ANDRADE; JOÃO ATALA; OSIP BRAZ

LIVRO

BOCA DE **URNA**

Em O Debate, *os diretores Guel Arraes e Jorge Furtado imaginam o diálogo de um casal de jornalistas no dia do último debate presidencial das eleições de 2022*

"Esta peça é escrita na urgência dos acontecimentos políticos do Brasil no ano de 2021. Será filmada e encenada assim que for possível e reescrita assim que for necessário." Essas duas frases servem como prefácio para a peça *O Debate* (Cobogó, R$ 36), que dois dos mais importantes cineastas brasileiros, Guel Arraes e Jorge Furtado, lançam a menos de um ano das eleições presidenciais de 2022.

Guel Arraes Jorge Furtado

Em um roteiro de diálogos rápidos e cortantes, eles se propuseram a pensar os bastidores do último debate entre os dois candidatos que prometem polarizar o próximo pleito: o atual presidente Jair Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No terraço do prédio de uma tevê, os autores imaginam um diálogo entre dois jornalistas da emissora que exibirá o debate presidencial, entre cafés, cigarros, política, relacionamentos, paixões e ideias.

Recém-separados depois de um casamento de 20 anos, Marcos e Paula tentam se adaptar às transformações de sua relação, do país e do mundo – ainda sob a ameaça da Covid-19, com uma cepa, a Sigma, entre as dez mais contagiosas. Em discussões acaloradas e ferinas, eles falam, ouvem, discordam, concordam, voltam a discordar, além de, diante da impossibilidade de isenção da imprensa, lidarem com o conflito de fazer jornalismo em tempos de desinformação, manipulação e notícias falsas.

PARCERIA

Em *Síntese do Lance* (Rocinante), os veteranos Jards Macalé, 78 anos, e João Donato, 87, que nunca haviam dividido estúdio, registram a primeira parceria de suas carreiras. O álbum traz dez composições inéditas, incluindo a faixa-título assinada em companhia do pianista e trombonista Marlon Sette, produtor musical do disco. Diz o mestre Donato: "Traduzindo em miúdos: a síntese do lance é extrair o néctar, o âmago das coisas."

TCHEKHOV

Em *Quatro Peças* (R$ 54,90), a Companhia das Letras relança em único volume clássicos do repertório teatral de Anton Tchekhov (1860-1904) com novas traduções diretas do russo por Rubens Figueiredo, vencedor do Prêmio Jabuti. *A Gaivota*, *Tio Vânia*, *Três Irmãs* e *O Jardim das Cerejeiras* mostram um escritor que trata fatos triviais da vida humana sob a perspectiva do sonho e da frustração.

Cultura.indd 79 19/10/2021 21:34